

INTRODUÇÃO

A crise financeira internacional, 2007-2008, que acabou afetando dramaticamente a atividade econômica tanto dos países desenvolvidos, em maior escala, quanto dos países emergentes, o que ficou denominado como “grande recessão”, tem suscitado pelo menos duas reflexões: por um lado, os resultados da globalização financeira têm sido questionados; e, por outro lado, especulações acerca do papel do Estado no contexto pós-crise e da reestruturação do sistema monetário internacional (SMI) têm norteado as atenções tanto de organismos multilaterais, tais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), quanto dos países do G-20. Com embasamento teórico sobre o funcionamento das crises cíclicas inerentes ao sistema capitalista, principalmente nos estudos de John Maynard Keynes e Hyman Minsky, esta pesquisa busca monitorar e acompanhar os desdobramentos da crise financeira iniciada em 2008. Busca também avaliar a eficácia e os impactos das políticas anticíclicas implementadas pelos governos de algumas das principais economias mundiais, desenvolvidas e emergentes.

METODOLOGIA

Foram analisadas as seguintes variáveis macroeconômicas: taxas de crescimento do PIB, da inflação, de juros e de desemprego, índices de desempenho dos setores da economia (agricultura, indústria e serviços), formação bruta de capital fixo, resultado do balanço de pagamentos e resultado fiscal, entre outras. As variáveis foram coletadas a partir de bases de dados e de relatórios específicos elaborados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), pelo Banco Mundial (BM), pelos bancos centrais dos países estudados e por entidades setoriais diversas. As variáveis foram analisadas estatisticamente (basicamente descritiva), bem como foram elaborados gráficos e tabelas. Os países que compuseram a amostra foram os seguintes: África do Sul, Alemanha, Argentina, Chile, China, Espanha, Estados Unidos da América, França, Índia, Japão, México, Portugal, Reino Unido e Rússia.

RESULTADOS

Foi constatado que os efeitos da crise financeira internacional de 2007-2008 continuam a repercutir e a influenciar os rumos da economia global nos dias de hoje. Em um primeiro momento, os fatores que impediram a crise de ter uma dimensão ainda mais profunda foram (i) a política claramente anticíclica implementada pelo governo dos Estados Unidos da América (EUA) e (ii) a maior estabilidade dos sistemas financeiros nos países emergentes. Em termos de resultados observados, um deles foi a mudança de orientação da política econômica dos EUA, que passou a ser mais intervencionista, buscando, entre outras, reverter o processo de desindustrialização, acelerado pela globalização financeira. É importante ressaltar que a recente diminuição das medidas anticíclicas do governo estadunidense, mais especificamente, a redução do volume do *quantitative easing*, ocasionou sérios problemas para as economias emergentes, pois tanto os juros quanto as taxas de câmbio nestas economias passaram a ser mais voláteis, com tendências de elevação. Outro desdobramento observado foi a crise na Zona do Euro. A partir de 2008 as contradições econômicas entre os países da União Europeia começaram a ficar mais evidentes, principalmente pelo fato de que foram implementadas, na maioria dos países, políticas econômicas de austeridade fiscal e monetária, cujos efeitos são cenários de baixo crescimento e de deflação.